

140

***AS DÚVIDAS DE SAUSSURE:
NOTAS SOBRE A POTÊNCIA DAS DISJUNÇÕES
NA VIDA DAS LÍNGUAS***

Evelyn Martina Schuler Zea

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitora: Roselane Neckel

Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Paulo Pinheiro Machado

Chefe do Departamento de Antropologia: Miriam Furtado Hartung

Sub-Chefe do Departamento: Oscar Calavia Sáez

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Alicia Norma González de Castells

Vice-Coordenadora do PPGAS: Evelyn Martina Schuler Zea

ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Editores responsáveis

Alicia Norma Gonzalez de Castells

Edviges Marta Ioris

Rafael Victorino Devos

Conselho Editorial do PPGAS

Alberto Groisman

Alicia Castells

Antonella Imperatriz Tassinari

Carmen Rial

Edviges Ioris

Esther Jean Langdon

Evelyn Schuler Zea

Gabriel Coutinho Barbosa

Jeremy Paul Jean Loup Deturche

José Kelly Luciani

Maria Eugenia Dominguez

Márnio Teixeira Pinto

Miriam Furtado Hartung

Miriam Grossi

Oscar Calávia Saez

Rafael Victorino Devos

Rafael José de Menezes Bastos

Scott Head

Sônia Weidner Maluf

Théophilos Rifiotis

Vânia Zikán Cardoso

Conselho Editorial

Alberto Groisman, Alicia Castells, Antonella Imperatriz Tassinari, Carmen Rial, Edviges Ioris, Esther Jean Langdon, Evelyn Schuler Zea, Gabriel Coutinho Barbosa, Jeremy Paul Jean Loup Deturche, José Kelly Luciani, Maria Eugenia Dominguez, Márnio Teixeira Pinto, Miriam Furtado Hartung, Miriam Grossi, Oscar Calávia Saez, Rafael Victorino Devos, Rafael José de Menezes Bastos, Scott Head, Sônia Weidner Maluf, Théophilos Rifiotis, Vânia Zikán Cardoso

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Antropologia em Primeira Mão

2013

Antropologia em Primeira Mão é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa à publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

Copyleft

Reprodução autorizada desde que citada a fonte e autores.

Free for reproduction for non-commercial purposes, as long as the source is cited.

Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2011 - v.**140**; 22cm
ISSN 1677-7174

1. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

Toda correspondência deve ser dirigida à
Comissão Editorial do PPGAS
Departamento de Antropologia,
Centro de Filosofia e Humanas – CFH,
Universidade Federal de Santa Catarina
88040-970, Florianópolis, SC, Brasil
fone: (48) 3721-9364 ou fone/fax (48) 3721-9714
e-mail: revista.apm@gmail.com

**AS DÚVIDAS DE SAUSSURE:
NOTAS SOBRE A POTÊNCIA DAS DISJUNÇÕES
NA VIDA DAS LÍNGUAS**

Evelyn Martina Schuler Zea

Resumo: Dos editores do *Cours de Linguistique générale* Roman Jakobson dizia incisivamente que aí onde os materiais que utilizaram sugeriam um ponto de interrogação, eles haviam optado por pôr um ponto conclusivo. Novos documentos – que por sua vez permitem ver os antigos sob uma luz distinta – motivaram paulatinamente uma leitura distanciada do estilo assertivo do *Cours* e, particularmente, sua pretensão de conformar um “todo orgânico”. O foco deslocou-se para as tensões e flutuações dos escritos de Saussure e, conseqüentemente, para seus efeitos subtrativos e dissolventes. Nessa linha, reviso nesta comunicação algumas das disjunções analisadas por Saussure em *De l'essence double du langage* e em outros textos, tais como aquelas entre a multiplicidade dos fenômenos linguísticos e a centralidade dos princípios que os moldam, entre a transformação e a continuidade, a sincronia e a diacronia assim como entre as decorrências da ordem e da desordem na vida das línguas. Tendo em vista estas disjunções me pergunto se o que Saussure busca é reduzir ou compatibilizar tais termos ou, antes, confrontar-se com sua heterogeneidade, radicalizando inclusive para esse fim suas diferenças. Esta seqüência de contraposições leva à pergunta suplementar sobre o acontecer da língua e a busca de possíveis orientações a partir do que Saussure nos deixa entrever sobre o “não-ser” e a negatividade como fatores linguísticos – e, portanto, culturais – constituintes.

Palavras-chave: Saussure, signo linguístico, transformação, negatividade

Abstract: About the editors of the *Cours de Linguistique Générale* Roman Jakobson said pointedly that, where the materials used suggested a question mark, they had chosen to put a conclusive point. New documents - which in turn allow us to see the old ones in a different light - gradually led to a reading at a remove from the assertive style of the *Cours* and particularly its pretension to constitute an "organic whole". The focus shifted to the tensions and fluctuations of the writings of Saussure and, consequently, to its subtractive and dissolving effects. Along this line, in this paper I review some of the disjunctions analyzed by Saussure in *De l'essence double du langage* and other texts, such as those between the multiplicity of linguistic phenomena and the centrality of the principles that shape them; between *transformation* and continuity; between the synchronic and diachronic, as well as those among the consequences of order and disorder in the life of languages. Given these disjunctions, I ask whether Saussure was searching to reduce or to compatibilize such terms, or whether he was rather confronting their heterogeneity, and even radicalizing for this purpose their differences. This sequence of contrapositions leads to further questions about the happening of language and the search for possible guidance departing from what Saussure allows us to glimpse about "non-being" and negativity as constitutive linguistic - and therefore cultural - factors.

Key words: Saussure, linguistic sign, transformation, negativity

**AS DÚVIDAS DE SAUSSURE:
NOTAS SOBRE A POTÊNCIA DAS DISJUNÇÕES
NA VIDA DAS LÍNGUAS¹**

Evelyn Martina Schuler Zea²

Tratando-se da obra de Saussure, me parece que convém inicialmente dar uma indicação sobre as coordenadas de referência, mesmo que não seja possível justificá-las aqui em extenso. No que segue, recorro, sobretudo, a documentos do arquivo de Saussure – agora enriquecidos com os textos encontrados, em 1996, na *Orangerie* da família Saussure – assim como a notas do terceiro Curso (1910-1911) tomadas por Emile Constantin e publicadas por Claudia Mejia. O que dá a entender que concordando com os questionamentos feitos – entre outros por Johannes Fehr, Simone Bouquet e mesmo Claudia Mejia – à edição de Bally e Sechehaye e sua pretensão de oferecer no célebre *Cours de Linguistique générale* um “todo orgânico” (2012: 3) do pensamento de Saussure. Gostaria de indicar, no entanto, que tendo em vista a proliferação de figuras tais como as de um outro Saussure, um Saussure ulterior ou inclusive um anti-Saussure, penso cada vez mais que os novos documentos permitem distinguir inquietações e impulsos, temas e variações que fazem parte de uma persistente trajetória intelectual. Nesta comunicação procuro rastrear justamente essa busca, adotando como motivos condutores as dúvidas de Saussure e tratando de ver, em particular, se elas se resolvem em formas conclusivas de certeza ou se demandam modos distintos de abordar as questões do saber e do não saber.

Em 1891, atendendo a uma convocatória da Universidade de Genebra, Saussure retorna a sua cidade natal, após onze anos em Paris. Em novembro desse ano, antes de assumir a cátedra da “história e comparação das línguas indo-européias”, Saussure oferece – diante um público composto por umas dez pessoas, incluindo seus familiares – três conferências sobre linguística geral, das quais se conservam algumas notas preparatórias. E já então – ou seja, cerca de vinte anos antes do último curso em Genebra – encontramos formuladas algumas das maiores tensões que atravessam o pensamento de Saussure. Me referirei, especialmente, àquela entre *os princípios gerais e a diversidade* no estudo das línguas.

Nessas notas, Saussure põe ênfase inicialmente na necessidade de que a análise linguística adote como ponto de partida a concreta diversidade das línguas. Os fenômenos da linguagem, diz Saussure, não podem ser esclarecidos “se não se recorre, em primeira e última instância, ao estudo das línguas” (2012: 128). Falando em plural, Saussure não se refere apenas ao fenômeno da diversidade linguística como tal, à dispersão das línguas para além de cada uma de suas atualizações, mas também às oscilações e particularidades de uma língua, à sua incessante recriação no percurso de nossas experiências comunicativas cotidianas. O chamado de Saussure é instalar-se nesta multiplicidade enquanto ela constitui o dado linguístico primordial.

¹ Apresentei uma primeira versão desse artigo no Congresso “100 anos com Saussure”, realizado na USP em agosto de 2013.

² Professora do Departamento de Antropologia / PPGAS - UFSC

Logo após propor esse enfoque sensível à pluralidade, Saussure indica, no entanto, que desentender-se da diversidade das línguas seria tão absurdo quanto esquecer que elas obedecem a *certos princípios* ou premissas gerais de nossa ideia da língua. Ou seja, que sem uma ideia condutora do que é a linguagem qualquer imersão na multiplicidade das línguas ficaria às cegas ou na orfandade científica. Assim, Saussure nos reconduz do campo do acontecer concreto das línguas a uma esfera de abstração na qual devemos buscar os pressupostos maiores da linguagem.³

Essa rápida virada de perspectiva leva a revisar a proposição anterior e perguntar-se:

1) Como é possível tomar efetivamente como ponto de partida a diversidade das línguas se, de antemão, nossa concepção da língua se encontra sob o domínio de princípios ou pressupostos gerais? ou

2) De que princípios se trata efetivamente se são as línguas concretas as que, como indica Saussure mesmo, aparecem “em primeira e última instância” como fator determinante?⁴

É incontornável um resto de ambivalência na argumentação de Saussure, que tanto propõe um retorno à facticidade das línguas quanto ater-se ao mandato dos pressupostos gerais. No que diz respeito a isso, certamente não faltam em Saussure formas de mediação, indicando, por exemplo, que há uma passagem que comunica a extrema especialização com a extrema generalização no estudo da linguagem. O que se veria no fato de que as maiores contribuições à ciência da linguagem provêm justamente daqueles que conseguem juntar ambos extremos, ou seja, que trabalhando sobre motivos particulares chegam a conclusões gerais. Esta conexão seria um sinal de que o estudo das línguas e o da língua é, afinal, um e o mesmo.

Mas para além dessas soluções intermediárias, a ênfase e atenção de Saussure voltam-se crescentemente às tensões mesmas, quer dizer que ele aparece, como veremos, cada vez mais interessado na irredutibilidade e na elaboração dos contrastes entre fórmulas alternativas que em sua conciliação por via de equivalências ou correspondências. Assim, Saussure prossegue acumulando discordâncias, potencializando-as e, se alguma forma de confluência emerge entre seus extremos, é claro que não deriva da sua nivelção, mas da radicalização de suas diferenças.

Neste sentido pode ler-se outra das tensões elaboradas por Saussure, a que diz respeito desta vez aos fatores de transformação e de continuidade nos fenômenos linguísticos. Na vida das línguas, como frisa Saussure, o que há é “*transformação*, ainda e sempre transformação” (Saussure *apud* Fehr 1997: 151, m.t.). Tal é o *princípio absoluto* com o qual Saussure abrange e formaliza a já indicada diversidade das línguas. Trata-se de uma transformação múltipla e incessante no tempo e no espaço, que faz com que a língua de hoje seja inevitavelmente diferente à de ontem ou à de amanhã – e isso não por efeito de um fator vindo de fora, mas justamente por efeito da circulação e do intercâmbio, que constituem a modalidade intrínseca ou modo de existência de uma língua.

³ Percebe-se algo de kantiano, diga-se de passagem, nesse duplo movimento, segundo o qual as intuições sensíveis são cegas sem conceitos e estes vácuos na ausência das primeiras.

⁴ Perguntas como essas são também colocadas por Johannes Fehr (1997: 61).

Além disso, uma língua não apenas muda linearmente, através de uma sucessão de estados alterados no tempo, mas, simultaneamente, ela também se fracciona em variações dialetais que se dispersam num espaço de crescente complexidade.

Diz Saussure: “A diferença $A:B$ representa, idealmente, a diferença no tempo, mas, na verdade, só existe a diferença $A:B'B''B'''$ – que, única real, representa a diferença no tempo e no espaço” (2012: 145).

Pelo qual podemos dizer que cada língua não tem apenas um, mas múltiplos destinos e que eles, inclusive, chegam a coexistir entre si.

O fator da transformação é assim potencializado. Mas então, como ocorre frequentemente em Saussure, tal proposição é levada ao extremo apenas para pouco depois ser contradita através de uma nova formulação que é alternativa em seu sentido, mas igualmente enfática em sua forma. De tal modo que a inclinação de Saussure de conferir categoria de *princípio* às suas asserções não parece ser um modo de absolutizá-las, mas antes de pensá-las até o fim, de amplificar seus alcances para assim avaliá-las em todas suas implicâncias e, eventualmente, registrar seus impasses e limitações.

Neste caso, tem já algo de desconcertante falar de um princípio de transformação, na medida em que geralmente um princípio denota uma forma de regularidade que aqui, curiosamente, resulta ser aquela da mudança. A primeira consequência desta formulação, tal como indica Saussure, é precisamente negar que seja possível a emergência de um “ser linguístico novo”, de uma entidade que represente uma instância de exceção na sequência de tempo e na extensão do espaço. Não haveria, portanto, nem origem nem criação nos domínios da língua, nenhum fenômeno que não se inscreva dentro de uma história, de um devir. Mas se isto é assim, o que afirma o princípio da transformação é, simultânea e paradoxalmente, a exclusão de irrupções e a vigência de uma forma de continuidade sem exceções.

Saussure ilustra essa duplicidade da transformação e da continuidade através de duas analogias. Uma delas toma como motivo a exposição de fotografias de Boguslawski, um artista russo que tomou 480 retratos de si mesmo na mesma posição ao longo de várias décadas. No que diz respeito a essa sequência, Saussure comenta que, se bem seria possível ter uma sensação de continuidade seguindo a série das fotos, o efeito de contraste seria igualmente notável se salta-se da primeira à última foto da exposição. Assim, inclusive se acompanhamos a mostra foto por foto, podemos surpreender-nos seja pela semelhança, seja pela dessemelhança e dependerá de uma particular disposição ou atenção qual dos aspectos passa ao primeiro plano. O que não se pode negar, no entanto, é que uma apreciação alternativa da série – se não simultaneamente, então paralelamente – é sempre possível.

Saussure evoca também a imagem de um *boulevard* que recebe nomes diferentes ao longo de seu caminho. Estes segmentos, diz Saussure, apenas existem em “nosso espírito”, que fracciona em trechos a unidade objetiva da trajetória em que eles aparecem. O exemplo ilustra a convicção de que a natureza ou a realidade *non facit saltus*, de tal modo que os diferentes cortes e partes apenas resultam de apreciações subjetivas. De acordo com isso, enquanto a continuidade é real, as transformações não seriam mais que impressões de validade particular.

Mas a imagem do *boulevard* de Saussure vai certamente para além deste esquema. Pois ela também se presta com idoneidade para ilustrar aquela outra asserção de Saussure segundo a qual as línguas vivem em trânsito permanente, sem conhecer mais que estados fugazes, duplamente precários na medida em que se deslocam entre itens igualmente movediços. Do mesmo modo, ao recorrer um *boulevard* recebemos impressões passageiras que motivam vivências igualmente fugazes que fraccionam minuciosa e arbitrariamente a continuidade do *boulevard*. Mas essa experiência dissolvente não chega a impedir que a

identidade do *boulevard* possa ser recobrada na nossa memória, ainda que seja de um modo insubstancial ou ficcional.

Transformação e continuidade vêm por tanto a coexistir na meditação de Saussure que, por um lado, coloca em primeiro plano o mencionado fraccionamento ou dispersão das línguas no espaço e no tempo e, por outro lado, nega enfaticamente a eventual emergência de um “ser linguístico novo, com existência distinta do que precedeu e do que o seguirá” (2012: 137). Dessa densa amálgama está feita sua concepção dos estados da língua como *transições* que trazem mudanças ao mesmo tempo imperceptíveis e inexoráveis. Na língua, afirma Saussure, “existem apenas estados [...] que são, perpetuamente, a transição entre o estado da véspera e o do dia seguinte” (2012: 144) – transições elevadas à potência, poderíamos agregar, na medida em que acontecem entre estados que também não existem por si mesmos. Sobre estas transições operam os *princípios* tanto de *absoluta continuidade* quanto de *continua transformação* (2012: 144) das línguas no tempo, que Saussure assume sem pretender reduzir um à outro ou à um denominador comum ou relação abrangente, mas antes expondo-se a sua extrema dissonância.

Podemos abordar ainda com Saussure outra dualidade em tensão, aquela certamente mais conhecida, entre a sincronia e a diacronia, que aparecem já nas *Notas para um artigo sobre Whitney* (de 1894, cf. Saussure 2012: 175-191). Aí Saussure se detém numa metáfora clássica da análise social como é a do jogo de xadrez. O que destaca nela é, sobretudo, a irredutibilidade entre a sequência de jogadas e o estado do jogo no percurso de uma partida. A excisão entre estes dois eixos é aqui tão cabal que “[quem] chega em qualquer momento sabe tanto do jogo como quem assistiu a todas suas jogadas”. Ambos enfoques são, com efeito, “totalmente indiferentes” entre si (2012: 186).

É importante notar que Saussure refuta a unilateralidade no uso da metáfora do xadrez por parte tanto da escola formalista de Bopp como da gramática histórica. Enquanto a primeira considera a língua como se se tratasse de *uma* posição de xadrez, ou seja, um estado do jogo, a segunda não vê nela mais que o resultado de uma sequência de jogadas. Saussure reconhece o que há de pertinente de cada lado; assim, em relação ao enfoque histórico destaca que, sobre este eixo, a língua não está livre de acidentes, de vicissitudes, como é evidente, por exemplo, nas variações fonéticas: a língua vive no tempo, na circulação, de tal modo que seu devir é a mudança, sem a qual não poderíamos explicar-nos como uma língua chegou a configurar-se de modo específico.

E, no entanto, essa perspectiva não é indispensável para entender as possibilidades de uma situação qualquer do jogo de xadrez nem da língua. Já que o significado do posicionamento delas não depende de como se chegou a esse estado, mas unicamente de correlações específicas ou, no caso da língua, do contrato fundamental pelo qual os signos se ligam às ideias. Se a metáfora do xadrez resulta pertinente é, portanto, precisamente porque neste jogo se reconstrói a cada passo a *convenção inicial*. A língua é como um formigueiro, diz Saussure, que se reconstrói imediatamente após sofrer alguma perturbação.

Mas ainda aí onde Saussure ressalta particularmente o enfoque sincrônico, não o faz porque este seja prioritário na análise da linguagem. A ênfase se deve unicamente, como ele diz, ao fato que este aspecto tem sido menos visto e que, portanto, o perigo de cair na unilateralidade é também muito menos provável. Em todo momento Saussure se cuida em evitar qualquer reducionismo à eficácia de um único princípio. Tudo passa como se para Saussure não se tratasse de modo algum de impor um princípio contra outro, mas de afirmar sua irredutibilidade e de avançar na consideração da disparidade, da disjunção que dá lugar ao dualismo.

O dualismo ou a polaridade constitutivas das línguas, que enfatizam algumas leituras de Saussure, não parece que tenham sido vistos por ele como uma constatação na qual seja

possível estabelecer-se. De fato, Saussure se refere a esse dualismo como “irritante” (2012: 186), pelo qual entendo que percebia algo de corrosivo, de dissolvente e, por certo, não num sentido meramente subjetivo, mas com respeito à objetividade, à consistência das entidades linguísticas. Das tensões do dualismo Saussure extrai implicações perturbadoras, particularmente no que diz respeito às alternativas do ponto de vista e da substância.

Assim, Saussure afirma que, de modo geral, as maiores dificuldades da terminologia científica procedem do fato de que “todas as nossas maneiras de falar são moldadas sobre a suposição involuntária de uma substância” (2012: 170). Isto é, que lá predomina a “profunda (...) ilusão de coisas que seriam *naturalmente dadas* na linguagem” (2012: 171).⁵ Talvez nessa direção, ou seja, no que Saussure nos diz sobre o vértice da unidade, integridade e identidade correlativas à suposição de uma substância, seja onde podemos buscar orientações alternativas que nos permitam repensar a constituição das entidades linguísticas e, por intermédio delas, dos fatos culturais.

Uma das eventuais saídas aos impasses da substância linguística se localiza, por certo, numa das passagens mais citadas de Saussure. Aí onde ele diz: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (1972: 15). Frequentemente esta formulação é considerada como a passagem crucial da ruptura, como o momento de não retorno ao substancialismo em benefício da primazia do ponto de vista e, através dele, da relação. Mas assim como há em Saussure tensões persistentes há também, em sua recepção, dissoluções apenas aparentes. Pois o que encontramos em uma de suas notas – dos antigos documentos, o que mostra a artificialidade desta distinção entre novos e antigos documentos – é que o ponto de vista e a substância tem bastante mais em comum do que usualmente se pressupõe.

A língua, nos diz Saussure, está feita unicamente de ações e apenas “no instante em que nós as consideramos concordantes” é que ela se torna “uma *substância*” (2012: 170). Assim, o que constitui uma substância é o momento da concordância, que não necessariamente tem que ser entre a palavra e a coisa, mas que pode ser a pressuposição compartilhada entre diferentes pontos de vista. Substâncias são efeitos da concordância e não o contrário – sendo secundário se isso ocorre entre as palavras e as coisas ou entre diferentes pontos de vista. Das substâncias, curiosamente, pode-se dizer que também elas são formas de relação e não num sentido meramente acessório, mas intrínseco. Elas são resultado da concordância dos pontos de vista. Por certo, se poderia insistir em que justamente nisso consiste a dissolução das substâncias. Mas considero crucial que a operação constitutiva que se atribui aos pontos de vista é a mesma que funcionou tradicionalmente como critério substancial da verdade: aquele da adequação entre as formas do pensamento e as coisas.

Se entendemos que o decisivo aí não é a qualidade dos termos, mas a *convenientia* entre eles, as pretensões de primazia tanto do substancialismo como dos pontos de vista ratifica uma mesma matriz de pensamento. Passar de uma concordância a outra, seja meramente entre os objetos, entre esses e os pontos de vista ou exclusivamente entre esses últimos, viriam a ser variações de um mesmo esquema. No entanto, o que talvez poderia desestabilizar esse modelo seria um eventual abandono da concordância.

Tendo em vista esse desafio, aqui apenas limito-me a convocar dois apontamentos de Saussure que me parecem dobrar sua aposta intelectual no sentido de projetá-la sobre uma dimensão excessiva.

O primeiro aparece como um resumo do programa de Saussure

“tudo o que procuramos estabelecer é que é falso admitir, em linguística, um único fato como definido em si mesmo” (2012: 171).

⁵ Cf. a importante nota *alka* analisada em Claudia Mejía (1997: 94, 97).

Essa impossibilidade das entidades linguísticas de se pôr em evidência me parece afim àquela outra frase de Marx segundo a qual “nada é símbolo de si mesmo”. Na medida em que ambas põem em questão a concordância num caso exemplar, como é o da identidade consigo mesmo. Embora não possa seguir aqui essa onda expansiva, é preciso indicar que o trabalho dissolvente de Saussure prossegue ao ponto de assumir que o signo linguístico por efeito de sua mesma circulação não chega a ter sequer a consistência de uma “bolinha de sabão” (Saussure *apud* Fehr 1997: 161).

No segundo apontamento que gostaria de citar, Saussure radicaliza sua concepção numa fórmula sem atenuantes:

“ÊTRE. Rien n’est, du moins rien n’est absolument (dans le domaine linguistique). La forme élémentaire du jugement : « ceci est cela » ouvre la porte aussi a milles contestations, parce qu’il faut dire au nom de quoi on distingue et délimite « ceci » ou « cela », aucun objet n’étant naturellement délimité ou donné, aucun objet n’étant avec évidence. » (2002 : 81).⁶

Assim um possível desenlace das desmontagens e tensões recorrentes que busquei rastrear aqui, não é que elas se resolvam em princípios unilaterais nem em formas elementares nem que decantem meramente em composições irreduzivelmente heterogêneas. Me parece que, para além de uma articulação sensível às diferenças entre os termos, há em Saussure a demanda em assumir a negatividade como um fator eficaz de constituição assim como a demanda em assumir, fora da identidade consigo mesmo, uma lógica da não coincidência e da eventual insuficiência de fundamento. O que está em questão não é apenas que o objeto da linguística seja substituído por uma dualidade, mas a eventualidade de que este não consista num termo, também não no vínculo entre eles, mas antes no vazio que os separa, na greta entre uma existência e outra e, com isso, no não-ser. As dúvidas de Saussure nos confrontam com essa inerente flutuação.

Referências Bibliográficas

MEJÍA, Claudia. 1997. “Unde exoriar?” In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 50, pp. 93-110.

SAUSSURE, Ferdinand de. 2012. *Escritos de Linguística Geral*. Tradução de: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix.

SAUSSURE, Ferdinand de. 2006. *Curso de lingüística geral I* ; organizado por Charles Baliy, Albert Sechehaye ; com a colaboração de Albert Riedlinger ; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum ; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

⁶ “SER. Nada é, pelo menos nada é absolutamente (no domínio linguístico). Nenhum termo, supondo-o perfeitamente preciso, é aplicável fora de uma esfera determinada. A forma elementar do julgamento: “isso é aquilo” abre a porta a mil contestações porque é preciso dizer em nome do que se distingue e se delimita “isso” ou “aquilo”, sendo que nenhum objeto é naturalmente delimitado ou dado, sendo que nenhum objeto é com evidência” (2012: 74).

SAUSSURE, Ferdinand de e Constantin, Emile. 2005. Linguistique générale (Cours Professeur de Saussure) Semestre d'hiver 1910-1911. In : *Cahiers Ferdinand de Saussure*, No. 58, pp. 82-290.

SAUSSURE, Ferdinand de. 2002. *Ecrits de linguistique générale*. Edição de: S. Bouquet e R. Engler. Paris : Gallimard.

SAUSSURE, Ferdinand de. 1972. *Cours de Linguistique générale (1913)*. Paris: Payot.

FEHR, Johannes, e SAUSSURE, Ferdinand de. 1997. *Saussure, Linguistik und Semiologie*. Notizen aus dem Nachlass, Frankfurt: Suhrkamp.